



AEDR
Associação Espírita
Domingos Rímoli

ARTHUR CONAN DOYLE



Arthur Conan Doyle

Arthur Ignatius Conan Doyle nasceu em 22 de maio de 1859, em Edimburgo, Escócia. Os Doyle eram uma próspera família católica irlandesa. Charles Altamont Doyle, pai de Arthur, um alcoólatra crônico, foi um artista moderadamente bem-sucedido que, além de ser pai de um filho brilhante, nunca realizou nada digno de nota. Aos vinte e dois anos, Charles casou-se com Mary Foley, uma jovem vivaz e bem-educada de dezessete anos.

Mary Doyle tinha paixão por livros e era uma grande contadora de histórias. Seu filho Arthur escreveu sobre o dom de sua mãe de "afundar sua voz em um sussurro apavorado" quando ela alcançou o ponto culminante de uma história. Havia pouco dinheiro na família e menos harmonia ainda por causa dos excessos e comportamento errático do pai. A comovente descrição de Arthur sobre a influência benéfica de sua mãe também é descrita de maneira pungente em sua autobiografia: "Na minha primeira infância, tanto quanto me lembro, as histórias vívidas que ela me contava sobressaíam tão claramente que obscureciam os fatos reais de Minha vida."

Depois que Arthur completou nove anos, os membros ricos da família Doyle se ofereceram para pagar seus estudos. Ele chorou durante todo o trajeto até a Inglaterra, onde passou sete anos em um internato jesuíta. Arthur odiava o preconceito em torno de seus estudos e se rebelou contra os castigos corporais, que eram prevalentes e incrivelmente brutais na maioria das escolas inglesas daquela época.

Durante aqueles anos estafantes, os únicos momentos de felicidade de Arthur foram quando escrevia para a mãe, hábito regular que perdurava pelo resto da vida, e também quando praticava esportes, principalmente críquete, nos quais era muito bom. Foi durante esses anos difíceis no internato que Arthur percebeu que também tinha talento para contar histórias. Ele era frequentemente encontrado cercado por um bando de alunos mais jovens totalmente extasiados ouvindo as histórias incríveis que ele inventava para diverti-los.

Em 1876, graduando-se aos dezessete anos, Arthur Doyle, (como era chamado, antes de adicionar seu nome do meio "Conan" ao sobrenome), era um jovem surpreendentemente normal. Com seu senso de humor inato e seu espírito esportivo, tendo descartado qualquer sentimento de autopiedade, Arthur estava pronto e disposto a enfrentar o mundo.

Anos mais tarde, ele escreveu: "Talvez tenha sido bom para mim que os tempos fossem difíceis, pois eu era selvagem, puro-sangue e um pouco imprudente. Mas a situação exigia energia e aplicação para que alguém tentasse enfrentá-la. Meu minha mãe tinha sido tão esplêndida que eu não poderia decepcioná-la." Diz-se que a primeira tarefa de Arthur, quando voltou da escola, foi co-assinar os papéis de internação de seu pai, que àquela altura estava seriamente demente.

Pode-se ter uma idéia bastante boa das circunstâncias dramáticas que cercaram o confinamento de seu pai em um asilo para lunáticos em uma história que Arthur Conan Doyle escreveu em 1880 chamada O Cirurgião de Gaster Fell .

A tradição familiar teria ditado a busca por uma carreira artística, mas Arthur decidiu seguir uma carreira médica. Essa decisão foi influenciada pelo Dr. Bryan Charles Waller, um jovem inquilino que sua mãe havia acolhido para sobreviver. O Dr. Waller formou-se na Universidade de Edimburgo e foi para lá que Arthur foi enviado para fazer seus estudos médicos.

O jovem estudante de medicina conheceu vários futuros autores que também frequentavam a universidade, incluindo James Barrie e Robert Louis Stevenson. No entanto, o homem que mais o impressionou e influenciou foi, sem dúvida, um de seus professores, o Dr. Joseph Bell. O bom doutor era um mestre em observação, lógica, dedução e diagnóstico. Todas essas qualidades foram mais tarde encontradas na personalidade do célebre detetive Sherlock Holmes.

Depois de alguns anos de estudos, Arthur decidiu tentar sua caneta escrevendo um conto. O resultado intitulado The Mystery of Sasassa Valley foi muito evocativo das obras de Edgar Allan Poe e Bret Harte, seus autores favoritos na época. Foi aceito em uma revista de Edimburgo

chamada Chamber's Journal, que publicou o primeiro trabalho de Thomas Hardy.

Naquele mesmo ano, a segunda história de Conan Doyle, *The American Tale*, foi publicada na *London Society*, fazendo-o escrever muito mais tarde: "Foi neste ano que aprendi pela primeira vez que os xelins podem ser ganhos de outras maneiras que não enchendo frascos."

Arthur Conan Doyle tinha vinte anos e estava no terceiro ano dos estudos médicos quando uma chance de aventura bateu à sua porta. Foi-lhe oferecido o posto de cirurgião do navio *Hope*, um barco baleeiro, prestes a partir para o Círculo Polar Ártico. O *Hope* parou pela primeira vez perto da costa da Groenlândia, onde a tripulação começou a caçar focas. O jovem estudante de medicina ficou horrorizado com a brutalidade do exercício. Mas, além disso, ele gostou muito da camaradagem a bordo do navio e a subsequente caça às baleias o fascinou. "Subi a bordo do baleeiro como um jovem grande e desgarrado", disse ele, "saí como um homem forte e crescido". O Ártico havia "despertado a alma de um errante nato", concluiu ele muitos anos depois. Esta aventura encontrou seu caminho em sua primeira história sobre o mar.

Sem muito entusiasmo, Conan Doyle voltou aos estudos no outono de 1880. Um ano depois, obteve o título de "Bacharel em Medicina e Mestre em Cirurgia. Nessa ocasião, fez um esboço bem-humorado de si mesmo recebendo o diploma, com o legenda: "Licenciado para matar".

O primeiro emprego remunerado do Dr. Arthur Conan Doyle após sua graduação foi como oficial médico no navio "Mayumba", um velho navio a navegar entre Liverpool e a costa oeste da África.

Infelizmente, ele não achou a África tão sedutora quanto o Ártico, então desistiu dessa posição assim que o barco pousou na Inglaterra. Em seguida, veio um período curto, mas bastante dramático com um médico inescrupuloso em Plymouth, do qual Conan Doyle fez um relato vívido quarenta anos depois em *The Stark Munro Letters*. Depois desse desastre, e à beira da falência, Conan Doyle partiu para Portsmouth, para abrir seu primeiro consultório.

Ele alugou uma casa, mas só conseguiu mobiliar os dois quartos que seus pacientes veriam. O resto da casa estava quase vazio e sua prática teve um início difícil. Mas ele era compassivo e trabalhador, de modo que, no final do terceiro ano, sua prática começou a lhe render uma renda confortável.

Durante os anos seguintes, o jovem dividiu seu tempo entre tentar ser um bom médico e lutar para se tornar um autor reconhecido. Em agosto de 1885, ele se casou com uma jovem chamada Louisa Hawkins, irmã de um de seus pacientes. Ele a descreveu em suas memórias como tendo sido "gentil e amável".

Em março de 1886, Conan Doyle começou a escrever o romance que o catapultou para a fama. No início era chamado de *A Tangled Skein* e os dois personagens principais eram chamados de Sheridan Hope e Ormond Sacker. Dois anos depois, este romance foi publicado no *Beeton's Christmas Annual*, com o título *A Study in Scarlet* que nos apresentou ao imortal Sherlock Holmes e ao Dr. Watson. Conan Doyle preferia muito seu próximo romance, *Micah Clark*, que, embora bem recebido, já está quase esquecido. Isso marcou o início de uma séria dicotomia na vida do autor. Havia Sherlock Holmes, que rapidamente se tornou mundialmente famoso, em histórias que seu autor considerava, na melhor das hipóteses, "comerciais", e havia uma série de romances históricos sérios, poemas e peças, para os quais Conan Doyle esperava ser reconhecido como um autor sério.

Durante esse tempo, ele também escreveu um conto muito estranho e confuso sobre a vida após a morte de três monges budistas vingativos, chamado *The Mystery of Cloomber*. Esta história ilustra o início do fascínio de Conan Doyle pelo paranormal e espiritualismo.

Surpreendentemente, naquela época, Conan Doyle era mais conhecido como escritor nos Estados Unidos da América do que na Inglaterra. Em agosto de 1889, Joseph Marshall Stoddart, editor-chefe da *Lippincott's Monthly Magazine* na Filadélfia, veio a Londres para organizar uma edição britânica de sua revista. Ele convidou Conan Doyle para jantar em Londres no elegante Langham Hotel, que seria mencionado mais tarde em várias aventuras holmesianas, e também perguntou a Oscar Wilde, que então já era bastante conhecido.

Oscar Wilde parecia um dândi lânguido, enquanto Conan Doyle, apesar de seu melhor

terno, parecia um pouco uma morsa em roupas de domingo. Mesmo assim, Oscar e Arthur se davam maravilhosamente bem. "Foi realmente uma noite de ouro para mim." Conan Doyle escreveu sobre esta reunião. Como resultado desse sarau literário, Lippincott encarregou o jovem médico de escrever um romance, que foi publicado na Inglaterra e nos Estados Unidos em fevereiro de 1890. Esta história, *The Sign of Four*, foi fundamental para estabelecer Sherlock Holmes e Arthur Conan Doyle uma vez e para todos nos anais da literatura.

Para escrever *O signo dos quatro*, Conan Doyle teve que deixar de lado por um tempo *The White Company*, um romance histórico que ele sempre disse ter sido o trabalho que mais gostou de escrever. O que não surpreende, pois os personagens principais possuíam os mesmos traços de decência e honra que guiaram o autor em sua vida. Trinta anos depois, ele disse a um jornalista: "Eu era jovem e cheio das primeiras alegrias da vida e da ação, e acho que coloquei um pouco disso em minhas páginas. Quando escrevi a última linha, lembro que chorei: 'Bem, eu nunca vou superar isso 'e joguei a caneta de tinta na parede oposta. "

Apesar de seu sucesso literário, uma prática médica florescente e uma vida familiar harmoniosa, reforçada pelo nascimento de sua filha Mary, Conan Doyle estava inquieto. Decidiu que chegara a hora de deixar Portsmouth e ir para Viena, onde queria se especializar em oftalmologia. Uma língua estrangeira transformou aquela viagem num fiasco e depois de uma visita a Paris; Conan Doyle voltou apressado a Londres seguido pela gentil Louisa. Conan Doyle abriu um consultório na elegante Upper Wimpole Street, onde, se você ler sua autobiografia, nem um único paciente jamais cruzou sua porta. Essa inatividade lhe deu muito tempo para pensar e, como resultado, tomou a decisão mais lucrativa de sua vida, a de escrever uma série de contos com os mesmos personagens. Na época, Conan Doyle era representado por AP Watt, cujo dever era livrá-lo de "negociações odiosas". Portanto, foi Watt quem fez o acordo com a revista *The Strand* para publicar as histórias de Sherlock Holmes. A "imagem" de Holmes foi criada pelo ilustrador Sidney Paget que tomou seu belo irmão Walter como modelo para o grande detetive. Esta colaboração durou muitas décadas e foi fundamental para tornar o autor, a revista e o artista mundialmente famosos.

Em maio de 1891, enquanto escrevia alguns dos primeiros contos de Sherlock Holmes, Conan Doyle foi atingido por um virulento ataque de gripe que o deixou entre a vida e a morte por vários dias. Quando sua saúde melhorou, ele percebeu como era tolo ao tentar combinar a carreira médica com a literária. "Com uma onda de alegria selvagem", ele decidiu abandonar sua carreira médica. Ele acrescentou: "Lembro-me, em minha alegria, de pegar o lenço que estava sobre a colcha em minha mão debilitada e lançá-lo ao teto em minha exultação. Eu deveria, finalmente, ser meu próprio mestre. "

Em 1892, Louisa deu à luz um filho que chamaram de Kingsley, que o pai orgulhoso chamou de "o principal evento" de sua vida.

Um ano depois, apesar das súplicas de todos, o autor incrivelmente prolífico, mas muito impulsivo, decidiu se livrar de Sherlock Holmes.

Durante uma viagem à Suíça, ele encontrou o local onde seu herói chegaria ao fim. Em *The Final Problem*, publicado em dezembro de 1893, Sherlock Holmes e o professor Moriarty mergulharam para a morte nas cataratas do Reichenbach. Como resultado, vinte mil leitores cancelaram suas assinaturas da *The Strand Magazine*. Agora livre de sua carreira médica e de um personagem fictício que o oprimia e ofuscava o que considerava seu melhor trabalho, Conan Doyle mergulhou em atividades ainda mais intensas. Essa vida frenética pode explicar por que o ex-médico não percebeu a grave deterioração da saúde de sua esposa.

Quando ele finalmente percebeu o quão doente ela estava, Louisa foi diagnosticada com tuberculose. Embora ela tivesse tido apenas alguns meses de vida, os cuidados de seu marido a mantiveram viva até o Novo Século. Escrever sem parar, cuidar de Louisa, não mais uma esposa, mas uma paciente, e depois perder o pai, perturbou profundamente Conan Doyle. Pode muito bem ter sido a depressão resultante que o deixou cada vez mais fascinado pela "vida além do véu". Há muito ele se sentia atraído pelo espiritualismo, mas quando se juntou à *Society for Psychical Research*, isso foi considerado uma declaração pública de seu interesse e crença no ocultismo. Como Sherlock Holmes disse a Watson: "O trabalho é o melhor antídoto

para a tristeza ..." Conan Doyle aceitou ir aos Estados Unidos para dar uma série de palestras.

Ele partiu para Nova York em setembro de 1894 com seu irmão mais novo, Innes. Ele foi escalado para dar palestras em mais de trinta cidades. A turnê foi um grande sucesso, a julgar por um artigo no Ladies Home Journal . "Poucos escritores estrangeiros que visitaram este país fizeram mais amigos do que A. Conan Doyle. Sua personalidade é peculiarmente atraente para os americanos porque é totalmente saudável ..." O autor voltou à Inglaterra a tempo do Natal, bem como para a publicação na The Strand Magazine , da primeira das histórias do "Brigadeiro Gerard", que fez sucesso instantâneo entre os leitores.

Uma viagem com Louisa durante o inverno de 1896 ao Egito, onde esperava que o clima quente fizesse bem a ela, produziu outro de seus romances: A Tragédia de Korosko .

Acredita-se que Conan Doyle, um homem com os mais elevados padrões morais, permaneceu celibatário pelo resto da vida de Louisa. Isso não o impediu de se apaixonar profundamente por Jean Leckie na primeira vez que a viu em março de 1897. Com 24 anos, ela era uma mulher incrivelmente bela, com cabelos loiros escuros e olhos verdes brilhantes. Suas muitas realizações eram bastante incomuns para aquela época: ela era uma intelectual, uma boa esportista e também uma mezzo-soprano treinada. O que mais atraiu Conan Doyle foi que sua família alegou ser parente do herói escocês Rob Roy.

Durante o mesmo período, Conan Doyle escreveu uma peça sobre Sherlock Holmes. Não era para lhe dar uma nova vida, mas para reforçar sua conta bancária. O ator americano de muito sucesso William Gillette, depois de ler o roteiro, pediu permissão para revisá-lo. Conan Doyle concordou, e quando o ator pediu permissão para alterar a persona de Holmes, ele respondeu: "Você pode se casar com ele, matá-lo ou fazer o que quiser com ele." Quando as revisões de Gillette foram enviadas de volta, havia pouco sobrado do roteiro original de Conan Doyle. O comentário lacônico do autor para Gillette foi: "É bom ver o velho de novo."

Depois de uma turnê triunfante nos Estados Unidos, a peça estreou em Londres, no Lyceum Theatre, no outono de 1901. Os críticos britânicos a criticaram, mas como costuma acontecer, vox populi prevaleceu, e a peça foi um grande sucesso.

Quando a Guerra dos Bôeres começou, Conan Doyle declarou para sua família horrorizada que ele iria ser voluntário. Tendo escrito sobre muitas batalhas sem a oportunidade de testar suas habilidades como soldado, ele sentiu que esta seria sua última oportunidade de fazê-lo. Não surpreendentemente, sendo um pouco acima do peso aos quarenta anos, ele foi considerado incapaz de se alistar. Sem perder um instante, ele se ofereceu como médico e navegou para a África em fevereiro de 1900. Lá, em vez de lutar contra as balas, Conan Doyle teve que travar uma batalha feroz contra os micróbios. Durante os poucos meses que passou na África, ele viu mais soldados e equipes médicas morrerem de febre tifóide do que de ferimentos de guerra. A Grande Guerra Boer, uma crônica de quinhentas páginas, publicada em outubro de 1900, foi uma obra-prima de bolsa militar. Não foi apenas um relatório da guerra, mas também um comentário astuto e bem informado sobre algumas das deficiências organizacionais das forças britânicas na época.

Exausto e desapontado, Conan Doyle optou por mais uma mudança de direção quando voltou para a Inglaterra. Ele se jogou de cabeça na política ao concorrer a uma cadeira no centro de Edimburgo, que descreveu como "o principal reduto radical da Escócia". Tendo sido criado por jesuítas, ele foi injustamente acusado de ser um fanático católico. Para seu crédito, ele perdeu a eleição por apenas uma pequena margem. Ele então voltou para Londres e continuou escrevendo.

A inspiração para seu próximo romance veio de uma estadia prolongada nas charnecas de Devonshire, que incluiu uma visita à prisão de Dartmoor. No início, foi baseado principalmente no folclore local sobre uma mansão inóspita, um condenado fugitivo e um enorme cão sepulcral preto. À medida que o romance avançava, ele percebeu que sua história carecia de um herói. Ele é citado como tendo dito: "Por que eu deveria inventar tal personagem, se eu já o tenho na forma de Sherlock Holmes." No entanto, em vez de ressuscitar o detetive, o autor escreveu a história como se fosse uma aventura nunca antes contada.

Para a alegria de milhares de fãs frustrados, a revista The Strand publicou o primeiro episódio de O Cão dos Baskervilles em agosto de 1901.

Um ano depois, o rei Eduardo VII tornou-se cavaleiro Conan Doyle pelos serviços prestados à Coroa durante a Guerra dos Bôeres. Diz a fofoca que o Rei era um fã tão ávido de Sherlock Holmes que colocou o nome do autor em sua Lista de Honras para encorajá-lo a escrever novas histórias. Seja como for, Sua Majestade e várias centenas de milhares de seus súditos devem ter ficado muito satisfeitos quando, em 1903, a The Strand Magazine começou a serializar O Retorno de Sherlock Holmes .

Escrevendo, cuidando de Louisa, vendo Jean Leckie o mais discretamente possível, jogando golfe, dirigindo carros velozes, flutuando no céu em balões de ar quente, voando em aviões arcaicos e bastante assustadores, dedicando-se ao "desenvolvimento muscular", como corpo edifício costumava ser chamado, mantinha Conan Doyle ativo, mas não realmente satisfeito. Seu desejo profundo e persistente de serviço público o levou a uma segunda tentativa na política na primavera de 1906. Ele perdeu a eleição mais uma vez.

Depois que Louisa morreu em seus braços em 4 de julho de 1906, Conan Doyle caiu em um estado de depressão debilitante que durou muitos meses. Ele se livrou de sua miséria tentando ajudar alguém em pior condição do que ele. No papel de Sherlock Holmes, ele entrou em contato com a Scotland Yard para apontar um caso de erro judicial. Envolvia um jovem chamado George Edalji que fora condenado por ter cortado vários cavalos e vacas. Conan Doyle havia observado que a visão de Edalji era tão ruim que era a prova de que o condenado não poderia ter cometido o terrível ato. Vários anos depois, esse homem notável, que não conseguia tolerar a injustiça, foi cativado por mais uma causa criminosa célebre. O caso de Oscar Slater , que ele escreveu em 1912, fornece um resumo detalhado desse caso.

Finalmente, após nove anos de namoro clandestino, Conan Doyle e Jean Leckie se casaram publicamente na frente de 250 convidados, em 18 de setembro de 1907.

Com seus dois filhos com Louisa, todos se mudaram para uma nova casa chamada "Windlesham", em Sussex. Ele passaria o resto da vida morando naquela linda casa enquanto mantinha um pequeno apartamento em Londres.

Arthur Conan Doyle ficou tão feliz em compartilhar muitas das atividades de sua esposa que sua produção literária desacelerou consideravelmente após seu casamento. Durante os anos seguintes, ele experimentou uma série de peças, uma baseada no Brigadeiro Gerard , a outra em A Tragédia de Korosko . Nenhum deles se saiu bem. Sem desistir, ele escreveu uma terceira peça sobre boxe, que chamou de The House of Temperley . Esse fechou depois de três meses. Para compensar suas perdas financeiras consideráveis, Conan Doyle decidiu escrever uma quarta peça, mas desta vez com Sherlock Holmes. No início, ele o chamou de The Stonor Case, mas depois voltou a chamá-lo de The Speckled Band, que era bem conhecido e tinha tido tanto sucesso. Uma das dificuldades da produção foi o lançamento da cobra. O autor insistia em um réptil vivo, enquanto os atores e a equipe imploravam por um artificial. Conan Doyle venceu, mas depois escreveu admitindo seu erro: "O Python ou pendia como uma corda de sino amarela rechonchuda, ou então, quando sua cauda era beliscada, tentava se contorcer para trás e ficar nivelada com o carpinteiro que o beliscou, o que não no script. " Felizmente, a peça recebeu ótimas críticas e rendeu muito dinheiro ao autor.

Após o sucesso de The Speckled Band , Conan Doyle optou por se aposentar do "trabalho de palco", "Não porque não me interesse, mas porque me interessa muito", disse ele. O nascimento de seus dois filhos, Denis em 1909 e o de Adrian em 1910, também contribuiu para que o autor não se concentrasse na ficção. Uma última criança, sua filha Jean, nasceu em 1912.

Alguns anos se passaram antes da próxima criação do autor, o deliciosamente ultrajante Professor Challenger, cuja própria esposa chamava de "uma pessoa perfeitamente impossível". Seu novo herói era exatamente o oposto de Sherlock Holmes; no entanto, The Lost World foi um sucesso imediato. Envolveu o Professor em uma aventura deliciosamente humorística, com uma série de outros personagens altamente pessoais, encalhado em uma região misteriosa da América do Sul, descobrindo fauna e flora pré-históricas.

Naquela época, o termo "Ficção Científica" não tinha sido cunhado, então quando Conan Doyle escreveu esta história, em sua mente, era um "livro para meninos". Outros quatro romances sobre as aventuras do professor Challenger vieram depois de *The Lost World*. Esta série se destaca como uma obra-prima do gênero que os autores não tiveram escrúpulos em "emprestar".

The Valley of Fear, o segundo romance de Sherlock Holmes completo, foi publicado em série na revista *The Strand* no início de 1914. Mas os leitores de Conan Doyle não ficaram muito satisfeitos, pois Sherlock Holmes esteve ausente durante grande parte do romance.

Em maio de 1914, Sir Arthur e Lady Conan Doyle zarparam para Nova York, uma cidade que o autor considerou modificada desfavoravelmente desde sua primeira visita, vinte anos antes. Canadá, onde passaram pouco tempo, o casal achou encantador. Eles voltaram para casa um mês depois, provavelmente porque por muito tempo Conan Doyle estivera convencido de uma guerra iminente com a Alemanha. Ele havia enviado artigos aos jornais sobre a organização da "prontidão militar", muitos anos antes do início da Primeira Guerra Mundial. Em 1913 ele escreveu para a *Fortnightly Review*, expressando suas opiniões sobre a nova guerra não testada: "Esses novos fatores são o submarino e a aeronave". Ele previu a possibilidade de um "bloqueio" por navios submersíveis inimigos, muito antes que qualquer um na marinha britânica o fizesse. A única solução que ele acrescentou seria construir um túnel do canal. Mas este homem inteligente '

Assim que a guerra estourou, Conan Doyle, então com 55 anos, ofereceu-se para se alistar novamente. Seu desejo foi negado mais uma vez, mas decidiu organizar um batalhão civil de mais de cem voluntários. Quando a marinha perdeu mais de mil vidas em um único dia, sua mente brilhante nunca descansou, Conan Doyle fez sugestões ao Ministério da Guerra para fornecer "cintos de borracha infláveis" e "botes salva-vidas infláveis". Ele também falou em "armadura corporal" para proteger os soldados na frente. A maioria dos funcionários do governo o achava irritante, na melhor das hipóteses. Uma das exceções foi Winston Churchill, que escreveu para agradecê-lo por suas idéias.

Enquanto escrevia um livro, que se chamaria *The British Campaign in France and Flanders*, o autor recebeu permissão para visitar as frentes britânica e francesa em 1916. Um tempo depois, o Alto Comando australiano o convidou a observar sua posição no rio Somme. Testemunhar a Batalha de St. Quentin fez Conan Doyle dizer que nunca seria capaz de esquecer os horrores do "emaranhado de cavalos mutilados, seus pescoços subindo e descendo", deitado entre os restos mortais encharcados de sangue dos soldados caídos.

No final de 1914, o autor compensou a recepção sem brilho de seu segundo romance de Sherlock Holmes, com a publicação de *His Last Bow*. Neste conto, Sherlock Holmes se infiltra e derrota um anel de espões alemão, uma história de propaganda de guerra oportuna.

Dois anos depois, o agudo senso de justiça de Conan Doyle foi despertado novamente e o fez levantar-se em defesa de Sir Roger Casement, um diplomata irlandês acusado de ser "o mais asqueroso traidor que já respirou". Conan Doyle conhecia e gostava do diplomata vários anos antes, pois o homem o alertara sobre as terríveis injustiças cometidas contra os congolese. O autor tinha até mesmo baseado o personagem de Lord John Roxton em *The Lost World* em Casement. Agora, o "traidor" foi considerado culpado de ter tentado obter o apoio da Alemanha para o movimento de independência irlandesa.

Conan Doyle quase teve sucesso em poupar a vida do condenado, alegando insanidade, não fosse pela descoberta do diário de Casement. É uma crônica detalhada de sua homossexualidade, que na época também era um crime. Os sentimentos de Conan Doyle sobre a homossexualidade eram mais liberais do que a norma, o que pode ter sido o motivo pelo qual mais tarde ele não foi promovido para sentar na Câmara dos Lordes.

O preço da guerra foi cruel para Conan Doyle. Ele perdeu seu filho, seu irmão, seus dois cunhados e seus dois sobrinhos.

Após a morte de seu filho e os horrores da Primeira Guerra Mundial, Conan Doyle tornou-se progressivamente atraído pelo espiritualismo e pelo ocultismo. Enquanto pesquisava sobre fadas, ele encontrou algumas fotos pertencentes a uma família em Cottingley, na zona

rural de Yorkshire. Essas imagens pareciam mostrar várias fadas diminutas dançando na presença de duas adolescentes. As fotos pareciam não ter sido adulteradas. Conan Doyle defendeu as fotos e acabou incluindo-as em seu livro de 1922, *The Coming of Fairies* .

Ele era compulsivo em sua nova paixão pelo oculto e o perseguia com a mesma energia obstinada que demonstrara em todos os seus empreendimentos quando era mais jovem. Como resultado, a imprensa zombou dele e o clero o desaprovou. Mas nada o deteve.

Sua esposa, com fama de ser uma mulher sensata, passou a compartilhar suas crenças e desenvolveu o talento de "escrever em transe".

Depois de 1918, por causa de seu envolvimento cada vez mais profundo com o ocultismo, Conan Doyle escreveu muito pouca ficção, escrevendo arduamente sobre o Espiritismo. Suas viagens subsequentes à América, Austrália e África, acompanhados por seus três filhos, também foram em cruzadas psíquicas.

Com o passar dos anos, tendo gasto mais de 250 mil libras na busca de seus sonhos esotéricos, Conan Doyle se viu confrontado com a necessidade de ganhar dinheiro. Em 1926, o professor Challenger e seus coloridos amigos apareceram novamente em *The Land of Mist* , um romance de aventuras psíquicas seguido por *The Disintegration Machine* e *When The World Screamed* . Dois anos depois, suas últimas doze histórias sobre as façanhas do detetive imortal foram compiladas no *The Casebook of Sherlock Holmes* .

No outono de 1929, apesar de ter sido diagnosticado com Angina Pectoris, Conan Doyle partiu para sua última turnê *Psychic* pela Holanda, Dinamarca, Suécia e Noruega. Ele estava com tanta dor quando voltou, que teve de ser carregado para terra. A partir de então, acamado, ele conseguiu ter uma última aventura quixotesca em um dia frio de primavera de 1930. Ele se levantou da cama e, sem ser visto, foi para o jardim. Quando ele foi encontrado, ele estava deitado no chão, uma mão segurando o coração, a outra segurando um único floco de neve branco.

Arthur Conan Doyle morreu na segunda-feira, 7 de julho de 1930, cercado por sua família. Suas últimas palavras antes de partir para "a maior e mais gloriosa aventura de todas", foram dirigidas à esposa. Ele sussurrou: "Você é maravilhoso."

Fonte - Texto retirado do site:

<https://www.arthurconandoyle.com/biography.html>